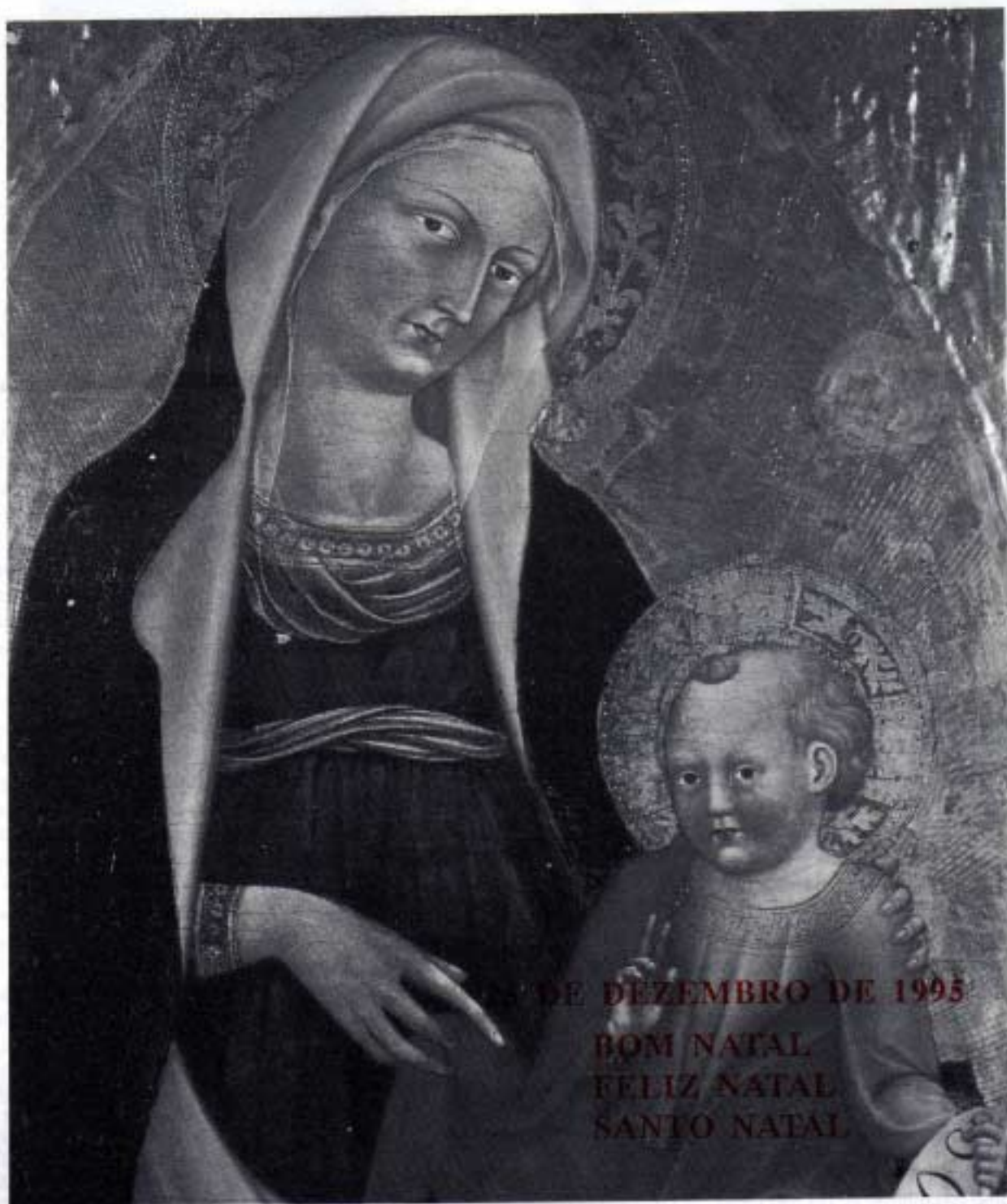


JULHO - DEZEMBRO 1995



Roteiros

23. Boletim Informativo do Instituto Dom João de Castro



DE DEZEMBRO DE 1995

BOM NATAL
FELIZ NATAL
SANTO NATAL

A ÉTICA E A RESPONSABILIDADE DE ENSINAR (1)



Sócrates — O Mestre — Não escreveu nenhuma lição.
A grande lição foi a sua morte

O conceito segundo o qual a escrita persiste e as palavras voam, que é um incitamento razoável à documentação do trabalho realizado e à persistência nas tarefas, tem desmentidos que exigem meditação. O mais evidente é o exemplo de Cristo, que apenas consta ter escrito uma vez sobre a areia, e não ficou notícia do que escreveu, enquanto que o ensino oral itinerante se transformou numa trave mestra da cultura ocidental.

Mais próximo da função dos professores, e por isso, exemplo que pertence ao património da arte e responsabilidade de ensinar, é o de Sócrates, que não escreveu nada. As notícias que temos são as que nos dão Aristófanes em *As Nuvens*, Xenofonte em mais de um texto, mas sobretudo nos *Memoráveis*, e finalmente Platão em toda a obra que deixou, com excepção de *As Leis*. Não é concordante a imagem que é transmitida por cada um dos cronistas, acontecendo que Aristófanes ironisa com o personagem, Xenofonte o retrata como um simples moralista, mas Platão faz dele um personagem tão fundamental dos Diálogos que corre o risco de lhe

ser negada qualquer criatividade pessoal, porque simples anotador do pensamento alheio.

A imagem que persistiu foi a de um mestre que ensina usando o diálogo e a interrogação, a chamada ironia socrática, levando o discípulo a descobrir a verdade por si próprio, a denominada arte da maiêutica, um acompanhamento parteiro dos espíritos.

Na perturbada conjuntura da época, marcada pela guerra do Peloponeso e pelo infortúnio de Atenas, foi acusado de pôr em perigo o interesse público, de perverter a juventude e de abalar as escalas de valores, pelo que o condenaram à morte.

Notícia Platão, no diálogo que chamou *Crítion*, que este lhe propôs a Sócrates a fuga salvadora/ e que ele a recusou porque desse modo daria o exemplo de não respeitar as leis da cidade, que o tinham amparado a vida inteira.

No julgamento das gerações, um espírito como o de Jaeger considerou-o "o fenómeno educativo mais poderoso na história do Ocidente", embora não falte quem o trate como um mito e de pouca consistência histórica.

Não são estas dúvidas que infirmam a densidade histórica e o peso social da imagem, da mensagem recolhida, e das categorias legadas: o rigor dos conceitos, a organização sistemática e meticulosa dos termos, o método dialéctico, e a prática da virtude.

Uma dialéctica que se traduzia numa articulação de perguntas e respostas, construindo um diálogo pelo qual o mestre conduzia o interlocutor a reconhecer a verdade sem recurso a preconceitos ou a uma autoridade impositiva.

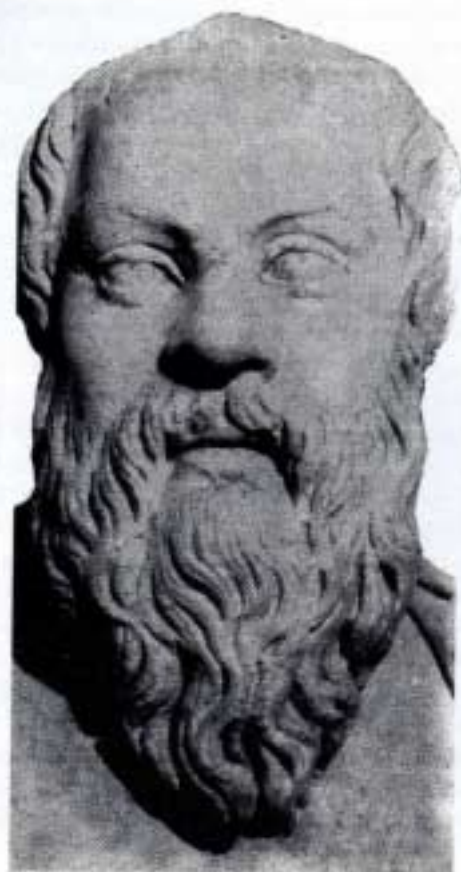
Nem tudo é exemplar nesta referência matricial, porque não é possível reter, como princípio guia, o de exercer o ensino deixando apenas uma tradição oral. Mas é muito de reter o facto de que do mestre puderam dizer, gerações sucessivas, que ele passou por aqui. Esta a primeira responsabilidade de quem obedece ao princípio de S. Paulo, quando disse que quem tiver o carisma de ensinar, que ensine. Não se trata apenas de transmitir informações, de debitar programas, de cumprir os rituais fastidiosos, mas sobretudo e também de uma maneira de estar no mundo, interrogando o mundo, racionalizando o mundo, agindo sobre o mundo, e deixando a lembrança de ter passado pelo mundo dos que correram juntos, em cada época, a aventura de aprender e ensinar.

Uma aventura desafiante, sobretudo quando o tempo em que nos acontece viver é de grande riscos e mudanças, como aconteceu na Atenas de Sócrates.

Lembre-se, como exemplo, a tormenta que foi a segunda guerra mundial, o cataclismo que fez desmoronar as escalas

(1) Publicamos neste N.º de *Roteiros* cuja edição coincide com a mudança de Governo como consequência lógica das eleições legislativas de 1 de Outubro p., esta «Lição» do Prof. Adriano Moreira, proferida no Instituto Superior Técnico no passado dia 6 de Novembro em que foca um dos problemas de maior importância com que se vai debater o Novo Governo e muito especialmente o Ministério da Educação.

A solução do problema da Educação da nova geração aparece como prioritário e passa necessariamente pelo diálogo com a família, cujos filhos frequentam a «escola», com as instituições da Educação públicas e privadas e muito especialmente com o Professorado que desempenha uma missão insubstituível de ensinar, formar, orientar e educar (*Nota da Direcção*).



Platão — O Grande Discípulo de Sócrates. Recolhe e transmite à humanidade as lições do Mestre — os Diálogos de Sócrates.

de valores e as estruturas da sociedade civil, dos Estados, e da comunidade internacional.

De todas as reacções que foram muitas, e que somadas levaram finalmente às esperanças frustradas de 1945, ficou como lembrança exemplar o sacrifício do professor Huber e dos seus alunos comprometidos no movimento da Rosa Branca, da Universidade de Munique, decapitados pelo nazismo que combatiam em nome de valores e apoiados na razão. Deixaram a marca de ter passado por aqui.

Estes socráticos alicerces do poder de ensinar, tão diferentes dos apoios da generalidade dos outros poderes intervenientes no processo social, obrigam a uma autenticidade que decorre do conceito de virtude que faz parte do legado a que nos temos referido, e que Platão eternizou. Recordemos um exemplo também relacionado com a grave crise mundial da segunda guerra mundial, e que levou à mobilização da ciência e da técnica para servirem as exigências dos interesses do Estado em guerra. O físico Jacob R. Oppenheimer, que morreu em Princeton em 1967, autor de importantes trabalhos sobre a teoria quântica do átomo, desempenhou um papel essencial nas investigações que levaram à criação das armas estratégicas, com uma primeira demonstração no bombardeamento atómico do Japão em 1945.

Começou em 1942 a trabalhar no "projecto Manhattan", em Los Alamos, para realizar a bomba, à qual depois, em face da demonstração dos efeitos, se deveria opor em nome dos valores supremos da humanidade. A relação entre a ética e a técnica, uma das servidões universitárias, estava em causa.

Foi inexoravelmente esmagado pelo histeria do Macartismo, que desencantou-marxismo soviético em tudo

quanto era argumento crítico do sistema político vigente nos EUA, e aceitou o afastamento de todas as suas responsabilidades, mas não cedeu. Quando o Presidente John F. Kennedy o reabilitou, em 1963, encontrou-o recolhido em Princeton, a interrogar o mundo, a racionalizar o mundo, a deixar a marca da passagem pelo mundo dos seus discípulos.

Esta questão de valores levanta um dos problemas mais sérios da problemática da relação do professor com os discípulos, com a instituição universitária, e com a sociedade em geral. Não faltam apologias da escola que se abstém, do ensino agnóstico, substituindo todos os valores em disputa pelo valor supremo da neutralidade. O que muito contraditoriamente é uma opção valorativa que começa por ignorar no ensino um facto incontornável da vida social, o qual é o do conflito das escalas de valores, e o peso social das várias opções concorrenciais.

Parece ainda um recurso ao impossível, que é conseguir que toda a relação do ensino possa desenvolver-se sem que as opções axiológicas do professor condicionem o que ensina, e sem que as prévias adesões valorativas dos alunos influenciem a percepção do ensino recebido.

Não pode ignorar-se seriamente uma das razões da advertência neutralista, aquela que tem a ver com as experiências dos regimes políticos, com os totalitarismos, com a escola ideológica, está hoje a multiplicar-se na linha dos fundamentalismos que renascem, e até ao fim da guerra fria a marcar a concepção da Academia das Ciências Soviéticas, para a qual todas as ciências sociais de versão ocidental eram simples propaganda.




Rua Rosa Araújo, 49-A — 1200 LISBOA
Tel. 352 24 69 — Telefax 42754 Acptur P — Fax 54 09 03

FILIAIS:

Shopping Center de Lisboa (Amoreiras), Loja 1122
Telef. 387 22 88 — Telefax 64888 Acpamo P
Lic. Op. Tur. DGT n.º 378 — Fax 69 14 42

Rua Santa Catarina, 848/852 — 4000 PORTO
Telefs. 200 24 99 — 200 25 00
Telex 27133 Acptu P — Fax 200 25 02

**O atendimento
mais acolhedor
o serviço mais eficiente**

Num mundo cada vez mais de múltiplas vozes, como advertiu a UNESCO, a questão da autenticidade torna exigente que a solução deste problema passa pela secular regra da transparência.

A primeira responsabilidade ética do estatuto do professor é que se revele sem ambiguidades naquilo que toca às suas opções fundamentais, à sua concepção do mundo e da vida, à escala de valores a que adere, à percepção dos homens e das coisas. Muita da sua força e da sua fragilidade radica nessa maneira exposta de intervir, para que todos saibam com clareza identificar as matrizes.

Depois, não pode deixar de oferecer uma completa inventariação das diferentes precepções e correntes, com o rigor e minúcia que tenham como único limite a própria capacidade, como que aderindo a cada uma e logo a cada uma criticando socraticamente, de modo a garantir aos discentes a completa liberdade de escolher.

Trata-se de uma exigência suprema de dignidade e de responsabilidade do magistério, esta de conseguir conciliar o absolutismo dos valores que se adoptam, com a, garantia da liberdade de outros fazerem diferentes escolhas apoiadas na completa e isenta informação crítica que é dever fornecer.

A criatividade das escolas, o pluralismo interior, a coexistência colaborante e construtiva de matrizes opostas, a dialéctica socraticamente entendida como contradição e não como conflito, dependem da autenticidade com que as transparências se perfilam e se respeitam.

Um ponto central do estatuto e função do magistério, sobretudo quando a época é de disfunção de todos os sistemas e de insuficiência das respostas em circulação, o que muito evidentemente é o que se passa neste fim de século.

A evolução parece obedecer a estes parâmetros: enquanto que as estruturas se modificam no tempo social acelerado, os conceitos alteram-se em tempo social demorado, provocando um desencontro que afecta severamente as capacidades de prever e de organizar respostas. Tais respostas estão a cargo de um aparelho social integrador dos jovens, que foi historicamente organizando, em coerência sistémica, a participação de várias instituições.

Nas sociedades do sul da Europa, ainda neste século que está a findar, se encontraram a partilhar responsabilidades; a família tradicional, a Igreja, as Forças Armadas, e o aparelho do ensino orientado até recentemente por uma concepção napoleónica.

Nenhuma dessas comunidades politicamente organizadas foi alheia aos efeitos da pluralidade de crises que ficaram simplificada e enumeradas, ainda quando o conservadorismo as transformou em entidades exógenas, mais submetidas aos constrangimentos vindos do exterior, do que centros dinamizadores e controladores da própria mudança.

Foi provavelmente o que caracterizou o processo português da mudança, com cada uma das instâncias integradoras a mudar de definição e a perder funções ao mesmo tempo que os desafios excediam frequentemente a capacidade do sistema.

A família acompanhou o processo de todas as sociedades da mesma área cultural, tendeu para perder o carácter sacramental, redefiniu a dimensão, perdeu a eficácia integradora, com reflexos sabidos e sofridos no ambiente da juventude.

Ao mesmo tempo que se alterava esta célula básica da sociedade, como lhe chama a Declaração Universal dos Direitos do Homem da ONU, a Igreja perdia em capacidade

interventora disputada por outros centros de orientação, não obstante, e apenas com aparente contradição, a época ser marcada por um regresso do divino à cena internacional.

As Forças Armadas, na tradição de Mousinho de Albuquerque, funcionaram como o espelho da Nação, um qualificativo que abrangia o quadro permanente de oficiais e sargentos. Tratava-se de uma instituição em grande parte uniformizadora da formação dos mancebos chamados ao serviço em cada incorporação, e que nas fileiras recebiam ensino escolar suplementar, orientação profissional, e também cívica.

A evolução das Forças Armadas de instrumento de sociedades agrárias para instrumento de sociedades industrializadas, também as fez evolucionar para exércitos de laboratório em que a máquina substitui o músculo e o computador substitui a memória, com reflexos evidentes na função e composição dos quadros.

A necessária qualificação técnica encaminha para o recrutamento no regime do voluntariado e por contrato, e para a desconstitucionalização do dever do serviço militar obrigatório.

Ao mesmo tempo, a evolução dos regimes políticos no sentido da democratização e da intervenção cada vez mais precoce no processo eleitoral, faz com que a maioria política anteceda a idade da incorporação, e que sejam os jovens a exercer a crítica das forças armadas, quanto à sua

GERTAL ESCOLAR ALIMENTA O FUTURO



gertal

Gestão de Qualidade

O equilíbrio alimentar é uma condição necessária ao bom desenvolvimento da criança e do adolescente. Os profissionais da GERTAL, apoiados por uma selecção e uma formação rigorosas e por uma vasta experiência em inúmeras instituições escolares, asseguram-lhes uma relação de confiança e um Serviço de Qualidade. Por isso os Alunos, os Professores e os Auxiliares Educativos usufruem do prazer de uma refeição emendada com base em produtos rigorosamente seleccionados.



Jesus — O Mestre dos Mestres — Não escreveu — Ensinou pela palavra, pela acção e exemplo. As grandes lições: o Sermão da Montanha, o Sermão da Última Ceia — A Sua Morte na Cruz.

função, composição, dimensão, e custos, com anulação do conceito de espelho da Nação. Esta pesada evolução não foi acompanhada pela implantação de instrumentos de substituição adequados à mudança.

De facto foi o aparelho integrador escolar que, em todos os níveis, se encontrou a receber os aumentos de tensão, que para ele foram transferidos, sem grandes renovações logísticas, mesmo quando beneficiou de reformas de conceito.

Não houve uma avaliação global desta alteração do aparelho integrador, que se desagregou em reivindicações sectoriais com perda de sentido do sistema em disfunção, e assim o aparelho escolar, procurando responder ao multiplicar das exigências na solidão crescente, acumulou o passivo das herdadas insuficiências inevitáveis, sem reconhecimento público do esforço correspondente mantido até à ruptura frequente.

Nos últimos vinte anos, apenas em duas ocasiões, e tardiamente, os professores universitários reclamaram em nome próprio contra a ruptura que também atingiu a dignidade do seu estatuto remuneratório, descobrindo que os poderes públicos os tinham tratado ou como franciscanos na melhor versão, ou com descaso na versão mais fundamentada.

E todavia o corpo docente do país, e neste caso o universitário, honrou e ultrapassou o seu compromisso ético ao tentar acrescentar às suas responsabilidades oficiais com mais a responsabilidade de assegurar, com a precariedade que é consequência da natureza das coisas, a qualidade da explosão do ensino privado.

A democratização do ensino, em tempo de revolução política, provocou uma tal aceleração do volume da procura,

que a política do *numerus clausus* orientada pelo objectivo de não exceder a capacidade física das instalações, perdeu qualquer relação com a preocupação de não deixar sem acolhimento a excelência dos candidatos, e até sem relação com qualquer perspectiva de necessidades e de mercado a médio e longo prazo. O aparelho oficial tem rejeitado um número alarmante de candidatos que correspondem ao conceito de excelência, pela simples razão de não ter capacidade física de acolhimento.

Foi a iniciativa privada que despertou para os excedentes, fazendo muitas vezes mal aquilo que o Estado não fez nem bem nem mal, mas submetendo-se à condicionante da lei do mercado.

É certo que as ciências duras foram, por isso, mais abandonadas por essa iniciativa, quando dependente das leis do mercado, mas na área das ciências humanas, as faculdades multiplicaram-se excessivamente.

Por simples exemplo, quando Portugal era um Império espalhado por vários continentes, tinha apenas duas Faculdades de Direito oficiais, uma em Lisboa e outra em Coimbra. Formavam anualmente menos de uma centena de licenciados, que davam satisfação às necessidades de todos os territórios do império. Nesta data existem talvez doze faculdades de direito, e o mesmo acontece com a economia, a gestão de empresas, a antropologia, as relações internacionais, para um território de 92 mil quilómetros quadrados.

As críticas ao sistema que se foi organizando à revelia de um conceito estratégico parecem sempre ignorar que a qualidade possível ficou dependente do mesmo número existente de doutores no aparelho das Faculdades do Estado, porque não cresceu apreciavelmente com contribuição de outras fontes, designadamente doutorados no estrangeiro.

Entre as tensões que se dirigem ao aparelho integrador escolar, esta tem a precedência qualitativa, e deve reconhecer-se que a resposta, nitidamente insuficiente é certo, revelou uma capacidade profissional respeitável, uma devoção apreciável, um sentido de dever a registar.

O fim do século aproxima-se a curtíssimo prazo, deixando o passivo de uma nova ordem mundial em formação, a respeito da qual apenas sabemos que acabou a antiga, e com os pequenos Estados em carência de estatuto e função, a situação evidente do Estado português.

As utopias sociais, que mobilizaram os povos nas últimas décadas, não resistem à mudança, e essas *figures de l'avenir*, deixam de se encontrar apoiadas nas imagens da Rússia soviética, da China, de Cuba, do Vietname, todos poderes agora revisionistas, anunciando a abertura, a modernização.

A sociedade e o Estado entram em discordância em todas as latitudes, porque o Estado soberano deixou de responder às finalidades para as quais foi criado. As reivindicações de identidade multiplicam-se a demonstrar que o direito dos povos a disporem de si próprios ainda tem de enfrentar sobressaltos como os do Katanga (1960), do Biafra (1967), do Bangladesh (1971), e dos Arménios, dos Curdos, dos Bascos, dos Timorenses. A evolução das técnicas biomédicas, que Michel Foucault chamou o "biopoder", introduz as questões da vida da espécie humana na política, para alguns ameaçando com novo totalitarismo, fazendo aproximar as técnicas comerciais do sangue, dos órgãos, do esperma, dos embriões, do aluguer de úteros, e abrindo espaço para uma biopolítica.

O dogma do desenvolvimento que se afirmou depois da segunda guerra mundial, está em discussão aprofundada. As várias propostas do desenvolvimento são postas em causa pela exigência de reequilíbrio económico-financeiro, pondo em dúvida um sistema mundial produtor do desenvolvimento, que até 1980 foi referência generalizada.

A atenção dirige-se agora para os mecanismos de exclusão, para as desigualdades gritantes, para o protesto dos povos tratados como mudos ou dispensáveis.

A ecologia política desenvolve-se em crítica contra o produtivismo, condenando os ataques da espécie humana à natureza por um lado, e por outro desmerecendo os modelos desenvolvimentistas que atendem aos índices da produção não industrializada e do consumo de massas.

Se a imprevisão da nova ordem se mostra assim agravada na área mais tributária das ciências sociais, acontece que foi possível visitar todos os planetas do sistema solar usando as sondas, o património genético perde os segredos, a inteligência artificial intervem na indústria, o poder técnico de destruir a humanidade está ao alcance dos homens, os riscos maiores estão semeados um pouco arbitrariamente, e a teoria do caos empurra no sentido de rever os conceitos de ordem e desordem, de acaso e necessidade.

Foi E. Lorenz quem desnudou essa nova fragilidade quando formulou o "efeito borboleta", dizendo que o voo de uma borboleta em Pequim pode contribuir para um tufão na Flórida.

Só em 1971 é que, por intermédio de David Ruelle e Floris Tokens o caos apareceu, incitando a despistar a ordem na desordem.

Do ponto de vista da função do professor, o efeito que nos parece mais notável é que a sociedade que lhe confia a responsabilidade de integração dos jovens está num tal processo de mudança em tempo acelerado, que qualquer modelo de ensino fica desactualizado antes de chegar ao fim do exercício.

Ainda por meados do século, quando se vivia na ilusão dos dividendos da paz da guerra de 1914-1918, uma sociedade estável esperava pelos formandos, com um lugar no processo produtivo e de gestão, funcionando segundo padrões conhecidos, e amadurecidos.

Em vista da aceleração do processo de mudança das estruturas, o modelo da sociedade que entregou os jovens ao aparelho de integração escolar é provável, que já não exista quando o formando abandonar os claustros.

A licenciatura, que foi um honroso coroamento de formação para a sociedade estável, é hoje apenas uma licença de estudar sozinho para conseguir apanhar a velocidade exterior.

O que significa que o professor está obrigado a aprender a ensinar para a incerteza, cada vez mais firme nas opções valorativas, cada vez menos dogmático nos métodos e nas conclusões. O que talvez venha a traduzir-se num reacender de criatividade, e em repôr uma espécie da imagem do eixo da roda, que acompanha todo o movimento da roda e lhe dá segurança sem andar.

Porque o desafio ético é severo e de resposta inadiável, reconhecendo-se que as investigações éticas se atrazaram em relação aos progressos da técnica, em muitos dos domínios que ficaram indicados, desde a biologia molecular e das teorias biomédicas à utilização da energia atómica, e às agressões contra a ecologia. Está em curso de desenvolvimento uma perspectiva que pensa já as ciências e a técnica sob o signo da cultura. Ainda na década passada os progressos científicos avançaram desligados da diversidade de sistemas culturais, de heranças históricas ou vinculações étnicas, reclamando uma universalidade e uma eficácia que teve reflexo na invasão das estruturas de gestão pela tecnocracia. Foi aparentemente a intervenção do Japão na cena mundial, com uma agressividade conquistadora de mercados, que levou a chamar os antropólogos para ajudarem as administrações a encontrar uma resposta.

Parece duvidoso que a universalidade das ciências e das técnicas fosse pacificadora, e o novo ramo da Science Studies fez o seu aparecimento no mundo anglo-saxão, unindo os temas da ciência e da cultura, ou da ciência, da técnica e da sociedade. A ciência vai a caminho de ser encarada como um instrumento de acção sobre as colectividades em plano igual ao da religião ou da política, como sustenta Michel Serres. A responsabilidade de ensinar para a incerteza, encaminha para essa visão interdisciplinar que só encontra um ponto de partida na disponibilidade e responsabilidade assumidas do universitário disposto a conjugar a capacidade de investigar, a capacidade de ensinar, a capacidade de administrar a ciência.

E também de regressar à relação ponderada entre a ética e a técnica, o passo que coerentemente decorre da relação assumida entre a ciência e a cultura.

ADRIANO MOREIRA



HOTEL ROMA

* * *

AVENIDA DE ROMA, 33 — 1700 LISBOA
END. TELEG. - ROMATEL — TELEX 16586 P
TELEPHONE 76 77 61 (10 LINHAS)

EM FÁTIMA:

* * *

HOTEL SANTA MARIA
Rua de Santo António
Telefs. (049) 51015/51025 — Telex 43108

HOTEL DOM JOSÉ
Av. D. José Alves Correia da Silva
Telefs. (049) 52215/52225 — Telex 43279

DR. ANDRÉ RODOSKI

(Professor na Cátedra de Português na Faculdade de Letras de S. Petersburgo)

AMOR E RELIGIÃO NA POESIA DE JOÃO DE DEUS



Prof. Dr. André Rodoski, Professor de português na cátedra de Português na Faculdade de Letras de S. Petersburgo

João de Deus é pouco conhecido na Rússia. No entanto, o Dicionário Brockhaus — Efron, editado na Rússia nos princípios do século XX, caracteriza-o como «notável poeta lírico português». Para compreendermos melhor a poesia dele, há que lembrar as palavras de Guerra Junqueiro que dissera: «A mística amorosa de João de Deus tem quatro graus ascendentes de elevação e perfeição. Primeiro grau: um galanteio espontâneo e perpétuo. Segundo grau: o desejo

voluptuoso purifica-se, espiritualiza-se, idealiza-se. Terceiro grau: a mulher ideal santifica-se. Quarto grau: a mulher-alma desencorpora-se, diviniza-se, deifica-se».

A pequena cançoneta «Perdão», é um bom exemplo do primeiro grau de elevação e perfeição da poesia de João de Deus, segundo a classificação de Guerra Junqueiro. Toda esta cançoneta é um monólogo galante e gracioso:

Seria o beijo
Que te pedi,
Dize, a razão
(Outra não vejo)
Porque perdi
Tanta afeição?

Mais adiante o poeta exprime uma ideia muito importante para ele. Diz que a beleza e o mau coração são incompatíveis:

a beleza verdadeira é sempre acompanhada por meiguice, bondade e generosidade. Uma mulher realmente bela deve saber perdoar outras pessoas — eis o argumento mais ponderável do poeta arrependido.

O segundo grau de elevação da mística amorosa de João de Deus pode ser exemplificada pela Cançoneta «Aroma e Ave». Já o título desta cançoneta contém duas imagens metafóricas extremamente importantes na poesia de João de Deus.

A antítese «amor terreno — amor celeste» é conhecido desde a antiguidade. À ascensão do amor terreno para o amor celeste, do amor sensual para o amor espiritual, corresponde à elevação da terra para o céu, o voo. É por isso que este símbolo, esta metáfora se encontra tantas vezes nos poemas de João de Deus — por exemplo, na ode «Luz do Céu».

Para exprimir o gozo do amor puro, do amor ideal, o poeta recorre à metáfora de aroma. A elevação do amor sensual

para o amor espiritual é compreendido como a espiritualização da carne, e para isso é quase impossível escolher a melhor metáfora senão o aroma, que é uma substância material, mas tão fina, que parece que deixa de ser material. A fonte deste aroma é a flor, que é uma das mais perfeitas criações da natureza. A imagem da flor também se encontra numerosas vezes nos poemas de João de Deus.

Ambas estas metáforas — o voo e o aroma — são imagens centrais na cançoneta «?» Nela, além destas imagens, há símbolos religiosos:

Dando-me ao uivo rouco
Do mar nessas cavernas
O timbre das mais ternas
E piás orações!
Parece-me este mundo
Todo um imenso templo!

Porque o poeta emprega aqui imagens religiosas? Parece que não por casualidade. É que certos filósofos e teólogos, entre os quais o famoso pensador russo Vladimir Soloviov, julgavam que o amor entre o homem e a mulher tem um



sentido religioso: o amante vê na sua amada (ou vice-versa) a imagem e a semelhança de Deus sob a forma pura, não danificada pelo pecado original. É por isso que o amante sempre idealiza a sua amada e crê que ela possui todas as perfeições possíveis. Daqui a santificação da mulher ideal nos poemas de João de Deus, como classificara Guerra Junqueiro, exemplificada pelo poema «Beatriz». O poeta introduz no final deste poema os nomes de Catarina (ou Natércia), Leonor e Beatriz, que são heroínas de Camões, Tasso e Dante. Não é por acaso que o título do poema coincide com a última palavra nele: Beatriz. Significa a passagem do poeta ao último, mais alto grau de perfeição da mística amorosa. Segundo Dante, o amor verdadeiro, personificado em Beatriz, purifica a alma do amante, aproximando-o de Deus. Além disso, a imagem de Beatriz simboliza a razão divina que abre ao homem os mistérios do Universo. Destes mistérios o mais grande é a morte, cujo sentido procura compreender João de Deus no seu poema «Margarida» escrito em tercetos como «A Divina Comédia» de Dante.

Este poema é um dos melhores de João de Deus. As primeiras linhas do poema «Margarida» contêm a dúvida de que a alma humana é imortal, mas no mesmo tempo o poeta acredita que a sua falecida amada merecera o deleite do Paraíso:

Se a alma é imortal, mulher, conforme
Proclama a consciência, enfim já gozas;
Senão, descansa que era tempo; dorme.

Todavia, o amor que permite ver na amada as qualidades que talvez não possam ser vistas por outras pessoas, faz o poeta chegar à conclusão que negar a imortalidade da alma é pôr em dúvida a sabedoria, a bondade e a onnipotência de Deus.

Da questão da imortalidade da alma o poeta passa para a questão da vida do homem na terra, que parece um ponto na infinidade do Universo. O homem que habita a terra parece mísero e impotente, mas possui, no entanto, a grandeza do intelecto e do espírito. Dito isto, o poeta toma consciência de que o intelecto humano é limitado. O homem pode ser grande só quando procura vencer a estreiteza da sua própria natureza material, ser mais puro e mais perfeito do que é, e conseguir o mundo mais perfeito que o mundo visível. A fé religiosa, a confiança em Deus — eis o que faz o homem realmente grande:

Onde eu acabo, principia Deus!
É curta a vista, curto o horizonte,
Passado o qual, aos olhos dos ateus,

Ergue no céu a luminosa frente,
A lâmpada da Fé, onde a nossa alma
Vai, como a corça à solitária fonte,

Matar a sede que mais nada acalma.

Como podemos verificar, o amor cantado por João de Deus não é apenas um belo sentimento na vida humana, como também um misticismo amoroso que leva o homem para Deus. Bem como no Cântico dos Cânticos, o amor de homem e mulher serve de protótipo do amor de homem a Deus.

ROMAGEM ÀS LEVADAS DO TEMPO

*Em vastidões de nada convertidos,
Ressurgem sonhos, pedaços de infinito
Que a mente envelhecida lembra ainda.*

*Sonhos que sonhei subindo aos montes
em outonais poentes,
ouvindo ao longe fontes
enamoradas
das frias madrugadas.*

*Sonhos que sonhei cruzando o mar
a desmandar-se em espuma,
nas ondas vislumbrando
em brandos dias
torrentes de tristura,
alegorias
desfeitas, remoçadas uma a uma...*

*Aparas de destino retalhadas
a palpitar de vida,
saudades naufragadas,
como vos dou guarida!*

*Por tantas horas mortas revividas,
por quantas vozes gastas recolhidas
bendigo o Céu — o amor
bendigo a Terra — a dor
...e por caminhos que trilhei, dispersos,
se perdem os meus versos.*

Francisco da Cunha Rosa

Nota: O Sr. Francisco da Cunha Rosa é sócio ilustre do nosso Instituto D. João de Castro e membro do Conselho Superior da Sociedade Histórica da Independência de Portugal)

INSTITUTO D. JOÃO DE CASTRO

boletim informativo trimestral
N.º de Registo 112 874

Direcção

António Maria M. Pinheiro Torres
(Secretário-Geral do IDJC)

Redacção

Sede do Instituto
R. D. Francisco de Almeida, 49 — (Restelo)
1400 LISBOA
Telef. 302 17 28

Propriedade

Instituto Dom João de Castro
N.º 212 873

Difusão

Pedidos à Redacção

Fotocomp. e imp. na Minigráfica — Coop. de Artes Gráficas, CRL
Rua da Alegria, 30 — Tel. e fax 346 47 20 — 1250 LISBOA

DEP. LEGAL N.º 18 702/87

INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE CULTURA LUSO-BRASILEIRO NA FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DE S. PETERSBURGO — 13/9/95

Este acontecimento foi importante no campo cultural, fruto e consequência de 2 factores: comemorar o Centenário do Nascimento da Prof.^a Olga K. Vassailieva Chvede, que iniciou na Faculdade de Letras de S. Petersburgo o ensino do Português e a criação duma outra instituição cultural, que alargasse este ensino a outras pessoas interessadas no conhecimento da Língua e Cultura Portuguesa, através de cursos complementares e por outros processos pedagógicos modernos, além do clássico das aulas.

A sessão inaugural realizou-se às 9.30 do dia 13 de Setembro com a conferência pronunciada pela Prof.^a Doutora Galina Neustroeva, que além de homenagear a Prof.^a Vassilieva Chvadê pela criação do ensino da língua portuguesa no elenco das línguas Neolatinas, focou bem os objectivos do novo Centro: o alargamento do ensino do português a outras áreas, que não meramente escolares, como seja a

tradutores e intérpretes, tendo em conta que o português é a 8.^a língua mais falada no mundo com tendência a aumentar.

A seguir foi dada a palavra ao Presidente da Direcção do Instituto D. João de Castro e do Conselho da Academia Internacional de Língua e Cultura Portuguesa, que após agradecer o convite que lhe foi dirigido para participar nesta sessão solene inaugurativa do 1.^o Centro de Cultura Portuguesa criado no Leste Europeu, desenvolveu o tema da origem da língua e cultura portuguesas, observando um facto importante; que o seu berço situa-se num pequeno país, o mais Ocidental da Europa, com uma área de 92000 km² e 10 milhões de habitantes, mas que os seus filhos e descendentes ocupam hoje os 5 continentes e ultrapassam os 200 milhões os que falam a língua portuguesa.

Tocou ainda no problema da Lusófonía dos 7 países, cujo idioma oficial é a língua portuguesa, devido a uma característica da colonização portuguesa, do relacionamento profundamente humano entre os nossos descobridores e os autóctones das regiões descobertas e ocupadas.

A característica da nossa universalidade nos advém de sermos um povo ribeirinho do Atlântico e que as circunstâncias políticas não permitiram deslocar-se para o leste peninsular, sendo obrigado a descobrir e aperfeiçoar técnicas de navegação, que o levaram a sulcar mares e oceanos, nunca antes navegados e a relacionar-se com povos e etnias nunca conhecidos.

Na mesa da presidência encontrava-se o Secretário da Embaixada do Brasil a quem foi dada também a palavra, que se congratulou com a abertura deste Centro Cultural, que constituiria mais um elo de ligação entre os dois grandes países, a Rússia e o Brasil.

Antes do encerramento da sessão solene foram solenemente entregues os diplomas de Académicas da Academia Internacional de Cultura Portuguesa às Professoras Doutoras, D. Helena Golubeva e a D. Irene Kuklova.

Este acto, foi muito aplaudido pelo selecto auditório que enchia a Sala dos Actos Solenes da Faculdade de Letras de S. Petersburgo.

A Televisão russa fez a cobertura desta sessão solene, que foi transmitida através da Eurovisão e da C.N.N., para todo o mundo.

A razão de se encontrar na Mesa da Presidência o Presidente da Direcção do Instituto D. João de Castro, deve-se a uma série de relacionamentos culturais entre o Instituto, o Departamento Cultural do Colégio Universitário Pio XII e a Cátedra de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras de S. Petersburgo.

Entre esses factos merece destaque, a realização do III Forum Universitário de Estudos Europeus em S. Petersburgo em 1992, e o convite feito a 3 Professores e estudantes de virem a Lisboa e contactarem directamente com a nossa língua e cultura e com algumas instituições culturais.

Na sequência da inauguração do Centro de Cultura Luso-Brasileiro realizou-se o 1.^o Congresso de Cultura e de Língua Portuguesa, que ocupou as manhãs e tardes de 13 e 14 de Setembro, sendo apresentados e discutidos 33 trabalhos sobre temas de História, Cultura e Língua Portuguesa.



Basílica de S. Isaac. Por detrás vê-se o edifício da Faculdade de Letras, S. Petersburgo

A mero título de exemplificação enumero alguns títulos:

- A Língua Portuguesa no Mundo Moderno
- Camões e Fernando Pessoa
- O Fado: sua história e o seu papel na Cultura Portuguesa
- Situação linguística em Portugal nos séculos XIV e XV. Significado Histórico dos Descobrimientos Portugueses. Mestiços Lusófonos no Sul e Sudoeste da Ásia, etc., etc..

O Congresso terminou no dia 14 com uma Mesa Redonda, onde se exprimiram os melhores votos pela sequência de outras actividades culturais do nível do Congresso.

Os congressistas foram convidados para um jantar convívio na Cafeteria da Faculdade, que se prolongou até às 23 horas, onde reinou a harmonia, cultura e boa disposição.

Ao terminar estes apontamentos desejo fazer os melhores votos pela intensa vida cultural do 1.º Centro Cultural Luso-Brasileiro criado a Leste e a funcionar na Faculdade de Letras de S. Petersburgo.

Lisboa, 6 de Outubro de 1995

DEPARTAMENTO CULTURAL
DO COLÉGIO UNIVERSITÁRIO PIO XII

Pe. Joaquim António de Aguiar

NOTA:

O INCONCEBÍVEL

COMO SE APRENDE A LÍNGUA PORTUGUESA
NUMA ESCOLA PRIMÁRIA EM S. PETERSBURGO

A pedido do Prof. Caryl Vadim desloquei-me no dia 14 da parte da manhã para visitar a Escola Primária 303 frequentada por 800 crianças do 1.º ao 5.º ano da Instrução Primária e localizada num bairro de S. Petersburgo.

Qual não foi o meu espanto, que nessa escola, 31 crianças do 1.º ano dos 6 aos 7 anos de idade, tinham começado a aprender português no dia 1 de Setembro ensinadas por um estudante quintanista do Curso de Língua e Cultura Portuguesas da Faculdade de Letras de S. Petersburgo.

O meu espanto aumentou, quando o Professor apanhou uma guitarra e esse grupo de crianças formou uma roda e cantaram e dançaram impecavelmente «O Vira da Nazaré». Mais,



As crianças da Escola Primária 303 de S. Petersburgo contando e dançando «O Vira da Nazaré»

e fazem um pequeno teatro em português perfeito, comportando-se impecavelmente.

«Como está?» Com os nossos «Bom dia»; «o papá e a mamã estão bons?» etc., etc.. Foi de facto um espanto, encontrar crianças de 6 e 7 anos a aprenderem o português.

Uma pergunta fica sem resposta. Para quê aprendem o português estas crianças?. Que projecto podem ter os pais para estas crianças aprenderem o português desde tão tenra idade?.

Após esta manifestação Cultural, a Direcção da Escola ofereceu um chá com bolos aos visitantes.

A nossa conversa rondou em volta do material escolar em falta e umas prendas para o Natal.

Sai da Escola 303 espantado e admirado com o que vi.

Pe. Joaquim António de Aguiar



O Padre Aguiar falando às crianças da Escola Primária 303 de S. Petersburgo servindo de tradutor o prof. Dr. Vadim



Duas crianças da Escola Primária 303 de S. Petersburgo dialogando em português

PARA FALARMOS MELHOR O PORTUGUÊS...

A língua portuguesa é para nós uma raridade exótica. No entanto, são perto de 200 milhões as pessoas que falam essa língua no mundo inteiro. E não são apenas os portugueses na Europa e os brasileiros na América do Sul, senão também as populações de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau em África, das ilhas de Java e Timor em Ásia, e até há territórios na China, onde a maior parte dos habitantes falam a língua de Camões.

Os falantes daquela língua, espalhados por todos os continentes, precisam de estruturas organizativas para poderem reunir-se e comunicar. Tais estruturas existem realmente, no nosso país entre outros. Trata-se, no caso da Rússia, da Associação dos Portugalistas da Rússia e do Centro «Camões» de Moscovo. E daí em diante teremos coisa assim também na nossa cidade. O Centro de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade de São Petersburgo, fundado há dias, propõe-se organizar conferências e cursos da língua portuguesa e aulas para tradutores e editar literatura relativa à matéria. O Centro recém-nascido já está a lançar o ensino do português a escolares de São Petersburgo: desde o começo deste ano lectivo os alunos dos últimos anos da Universidade vêm a explicar a nova matéria a duas turmas da escola secundária N.º 33, sita no bairro Frúnzenski.

O Centro de São Petersburgo, segundo nos referiu a sua Presidente Dr.ª Galina Neustróeva, preocupar-se-á, além das questões puramente linguísticas, por problemas de história, geografia e cultura de Portugal, do Brasil e de outros países de expressão portuguesa.

A fundação do Centro foi anunciada no decorrer da Conferência sobre «Os Estudos Portugueses em São Petersburgo», foro este, dedicado à memória da professora catedrática Dr.ª Olga Vassílieva-Schvede, por cuja iniciativa começou no ano de 1961 o ensino do português na nossa Universidade. Entre os convidados de honra a esta conferência figuram personalidades como o Conselheiro da Embaixada do Brasil em Moscovo, o Presidente da Associação Cultural Luso-Russa, um professor universitário português e, talvez o

convidado mais prestigioso, Padre Joaquim António de Aguiar, membro efectivo («sob o número quinze», frisa ele próprio) da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, organizador de Foruns Universitários de Estudos Europeus patrocinados pela União Europeia, tendo-se realizado o III Forum em S. Petersburgo em 1992, II e VI em 1991 e 1995 em Praga e o IV na Eslovénia.

O Reverendo Joaquim António de Aguiar sonha com criar uma rede de centros culturais portugueses na Europa Oriental, e o primeiro daqueles seria, na ideia dele, instalado na nossa cidade. E deu começo à realização do seu projecto ao assinalar os sucessos dos estudos portugueses levados avante em São Petersburgo com a entrega de Diplomas de Sócios Correspondentes da Academia Internacional da Cultura Portuguesa à Chefe do Departamento de Português da Universidade, Dr.ª Elena Gólubeva e à Professora titular do mesmo departamento Dr.ª Irina Khokhlova.

Kira Lébedieva

Jornal «Smena», São-Petersburgo

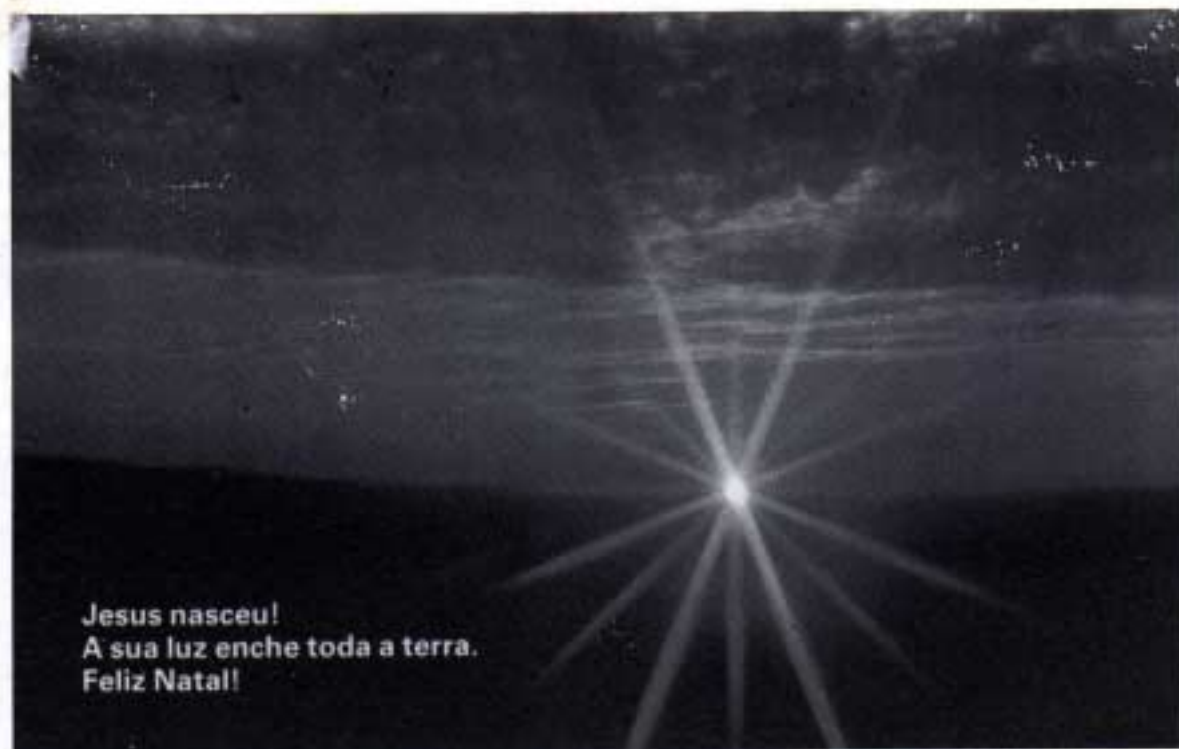
Tradução do russo: Alexandre Sádikov

COMPLETE A SUA BIBLIOTECA COM LIVROS DE ALTA QUALIDADE

O Instituto D. João de Castro deseja ajudá-lo nesse seu projecto cultural e dispõe das seguintes obras:

Legado Político do Ocidente de Adriano Moreira, César Albuquerque + e Alexandre Bugalho	5.000\$00
Europa em Formação — Adriano Moreira .	2.500\$00
Comentários — Adriano Moreira	1.500\$00
Colecção de Tratados, Convenções e outros actos públicos relativos a Portugal — Henrique Martins de Carvalho, 5 Volumes	15.000\$00
Ensaio Sobre o Problema de Estado, 2 Volumes de Adelino Maltez	5.000\$00
Imperial-Comunismo — Adelino Maltez	4.000\$00
Estratégia, 6 Volumes	6.000\$00
Mudança Cultural do Brasil	3.000\$00
Obras Completas de D. João de Castro, 4 grandes Volumes. Coordenação de Armando Cortesão e de Luís Albuquerque — cada Volume	12.500\$00
— A Colecção completa	50.000\$00

(Estes preços têm um desconto de 30% para os nossos sócios e leitores de *Roteiros*).



Jesus nasceu!
A sua luz enche toda a terra.
Feliz Natal!

NATAL 1995

A Direcção do Instituto D. João de Castro deseja estar presente espiritualmente na Noite de Natal em todos os lares dos nossos sócios, amigos e leitores de *Roteiros*, desejando a todos «SANTO E FELIZ NATAL 95».



O nascimento de Jesus é para a «Grande Família Cristã», um acontecimento que mudou o rumo da História da «Humanidade», dividindo a História em «Antes e Depois de Cristo».

É sempre com alegria e redobrada esperança que celebramos anualmente este «Grande Acontecimento» que no entanto, passou despercebido para os «Grandes» do mundo de então. Roma, Atenas, Alexandria, Jerusalém e a própria Belém, não deram pelo «Acontecimento». O anúncio do Nascimento de Jesus, o Cântico dos Anjos sobre a «lapinha de Belém: Glória a Deus nas alturas e Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade», e o convite para subirem a Belém e adorarem o «Menino» recém nascido, somente foi feito aos «Pastores», que vigilantes guardavam os seus rebanhos.

A Festa do «Natal 95», é para todos nós, que estamos incluídos nos «Homens de Boa Vontade», mais um motivo de esperança, para que a Paz, anunciada pelos Anjos na «Noite de Natal» seja uma realidade e um dom para este nosso «Mundo», onde a violência e o ódio ainda tem lugar em muitos corações, que precisam de «mudança», para que a Paz seja instalada em todos os cantos da terra.

São estes os nossos ardentes votos: Feliz Natal — Santo Natal.

Lisboa, 1 de Dezembro de 1995

PELA DIRECÇÃO
DO INSTITUTO D. JOÃO DE CASTRO

Pe. Joaquim António de Aguiar